

RESISTÊNCIA NO CONTO A *EMBAIXADA AMERICANA*, DE CHIMAMANDA N. ADICHIE

RESISTANCE IN A *EMBAIXADA AMERICANA*, BY CHIMAMANDA N. ADICHIE

Geniane Diamante Ferreira¹

Gustavo Moreira Rocha²

RESUMO: Este texto estudará o modo em que os conceitos de literatura pós-colonial, de Bonnici e Zolin (2009) e de literatura e resistência, de Ashcroft (2001) e Renan (1992) são capazes de propor uma nova compreensão para o conto “A Embaixada Americana” (2017), da escritora nigeriana C. N. Adichie. Ao se deparar com a necessidade de buscar asilo, a mulher no referido conto, que está na fila da embaixada americana na Nigéria, vive o luto do filho que foi assassinado após a represália do governo ditatorial de Abacha. Naquele lugar, ela repensa toda sua trajetória, toda a vida de Ugonna, seu filho e, ao chegar na entrevista, reflete que a vida dele vale mais do que o medo, do que a fuga. “Uma nova vida. Foi Ugonna quem lhe deu uma nova vida, quem a deixou surpresa com a rapidez com que ela aceitou essa nova identidade que ele fez surgir, a nova pessoa que se tornou por causa dele” (Adichie, 2017. p. 152). A decisão tomada pela mãe é resistência, mas deve-se lembrar que a resistência possui camadas e estruturas e não pode ser resumida apenas ao ato de se opor a algo ou alguém. (Ashcroft, 2001) A crítica pós-colonial, além de ser inerente à resistência, permite analisar todas as facetas dessa história, inclusive as formas com as quais o governo ditatorial Nigeriano e de outros de “terceiro mundo”³ lidam com sua sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: A Embaixada Americana; Pós-colonialismo; Resistência.

ABSTRACT: This text will study the way in which the concepts of post-colonial literature, by Bonnici and Zolin (2009) and of literature and resistance, by Ashcroft (2001) and Renan (1992) are able to propose a new understanding to the short story “The American Embassy” (2017), by the Nigerian writer C. N.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá – Brasil. Professora da Universidade Estadual de Maringá – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4955-3338>. E-mail: gdferrreira@uem.br.

² Graduando em Letras - Inglês e Português na Universidade Estadual de Maringá – Brasil. E-mail: gustamr@outlook.com.

³ Apesar de na economia não se usar mais o termo ‘terceiro mundo’, mas países em desenvolvimento, na Literatura ele ainda é utilizado para descrever a questão da outremização. Mesmo consciente de que a África é um continente onde há países em desenvolvimento e também desenvolvidos, o termo é usado para mostrar o arquivo ideológico que outremiza a África, que faz com que a cultura e literatura de todo esse continente (incluindo aí países desenvolvidos e em desenvolvimento) sejam consideradas inferiores a todos os modos de pensar europeus. É o que discute AHMAD (2002), no capítulo “Teoria Literária e “Literatura de Terceiro Mundo”: alguns contextos, em sua obra *Linhagens do Presente. Ensaios*.



Adichie. When faced with the need to seek asylum, a woman in the aforementioned short story, who is in a line at the American embassy in Nigeria, is mourning her son who was murdered after the retaliation of Abacha dictatorial government. In that place, she rethinks her entire trajectory, the whole life of Ugonna, her son, and when she arrives at the interview, she reflects that his life is worth more than fear, than escape. "A new life. It was Ugonna who gave her a new life, who left her surprised at how quickly she accepted this new identity that he gave birth to, a new person she became because of him" (Adichie, 2017. p. 152). The decision made by the mother is to resist, but it must be remembered that resistance has structures and should not be reduced to the act of opposing to something or someone. (Ashcroft, 2001) Postcolonial criticism, in addition to being inherent to resistance, allows us to analyze all facets of this story, including the ways the dictatorial government in Nigeria and other third world countries deal with their society.

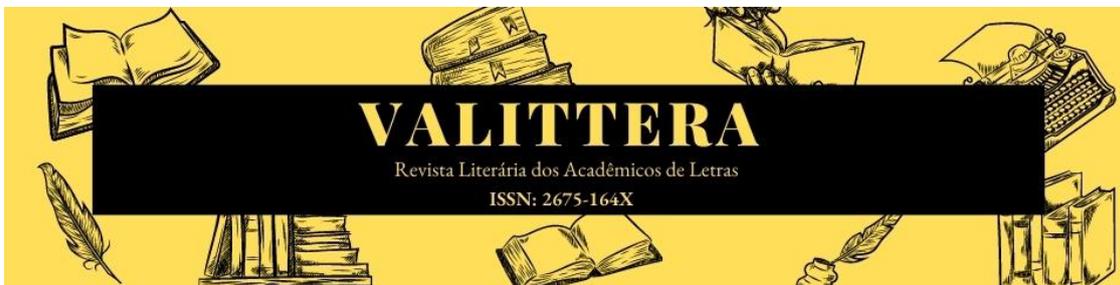
KEYWORDS: The American Embassy; Postcolonialism; Resistance.

1 INTRODUÇÃO

A crítica de cunho pós-colonial tem como base de seus estudos sociedades pós-independentes e sua emancipação política. Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1992) usam o termo para caracterizar a cultura afetada pelo imperialismo desde o início das colonizações até os dias atuais. Bonnici (1998, p. 9) por sua vez, diz que “[a] crítica pós-colonialista é enfocada, no contexto atual, como uma abordagem alternativa para compreender o imperialismo e suas influências como um fenômeno mundial e, em menor grau, como um fenômeno localizado.”

A literatura, atualmente, apresenta grande influência das teorias pós-coloniais, principalmente de autores da Ásia, África e América Latina, justamente por terem sido os países desses lugares os maiores alvos do imperialismo europeu. Chimamanda Ngozi Adichie é uma autora nigeriana e apresenta-se hoje como uma das principais vozes da literatura africana, possuindo livros traduzidos para mais de 30 línguas. Suas obras retratam a vivência de personagens em uma sociedade pós-colonialista, simbolizando, também, aspectos de resistência (intrínseco ao pós-colonialismo).

No conto “*A Embaixada Americana*”, que faz parte do livro “*No seu pescoço*” (2017), a mulher e personagem principal enquanto se encontra na fila da embaixada americana por conta da necessidade de buscar asilo, relembra todo o processo que a fez chegar no local: a fuga do marido, um jornalista opositor ao governo ditatorial nigeriano, do general Abacha, e a morte de seu filho, Ugonna, como forma de retaliação. Entre

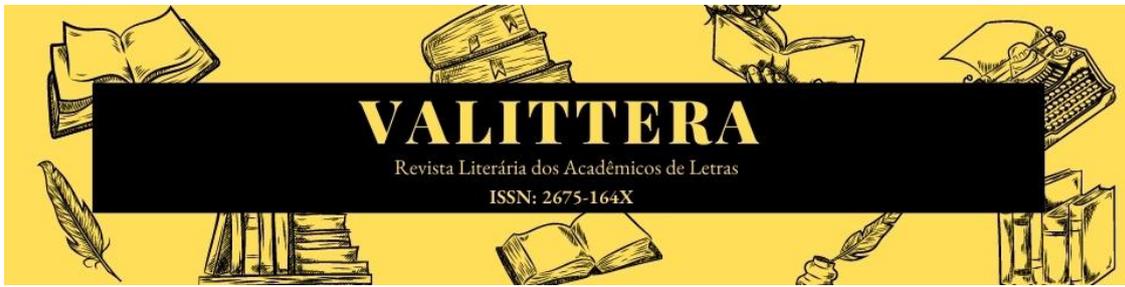


pensamentos, embate pessoal e reflexões, a moça desiste do visto americano após ver que a vida de seu filho valia mais do que a fuga. “Uma nova vida. Foi Ugonna quem lhe deu uma nova vida, quem a deixou surpresa com a rapidez com que ela aceitou essa nova identidade que ele fez surgir, a nova pessoa que se tornou por causa dele” (ADICHIE, 2017, p. 152). Tendo por base o referido conto, este texto se propõe a estudar o modo como os conceitos de literatura pós-colonial, de Bonnici e Zolin (2009) e de literatura e resistência, de Ashcroft (2001) e Renan (1992) são capazes de propor uma nova compreensão para o conto. A ação de repensar a necessidade de asilo político, por si só, configura-se como resistência; entretanto, é necessário pontuar que o ato de resistir não é somente militar pela oposição e, sim, algo mais complexo e bem situado (ASHCROFT, 2001). Como mencionado, resistência e pós-colonialismo são intrínsecos um ao outro e, com sua carga histórico-social, será possível dar um significado e visão atual para o conto ao abordá-los em contexto.

Após breve apresentação do enredo do referido conto, trazemos contribuições teóricas do referencial já apontado de modo a iluminar os conceitos de identidade nacional e resistência, que são caros aos estudos da crítica pós-colonial. E, por fim, trazemos breves conclusões acerca da leitura empreendida.

2 OBJETIFICAÇÃO

No conto lido, temos como ambientação uma ditadura, sob golpe do general Abacha. Entretanto, o foco da narrativa é a mulher, sem nome, e esse fato é de uma importância ímpar, já que isso pode ser lido como um recurso para a configuração de uma metonímia: a mulher representando outras muitas mulheres, representando histórias semelhantes. Tal história é retratada a partir da fila da embaixada americana, onde planeja conseguir asilo político após a fuga de seu marido e o assassinato de seu filho. Percebe-se que a mulher, durante aquele momento pós trauma, está quieta, porém com uma mente perturbada, visto que ia ao médico em busca de tranquilizantes:



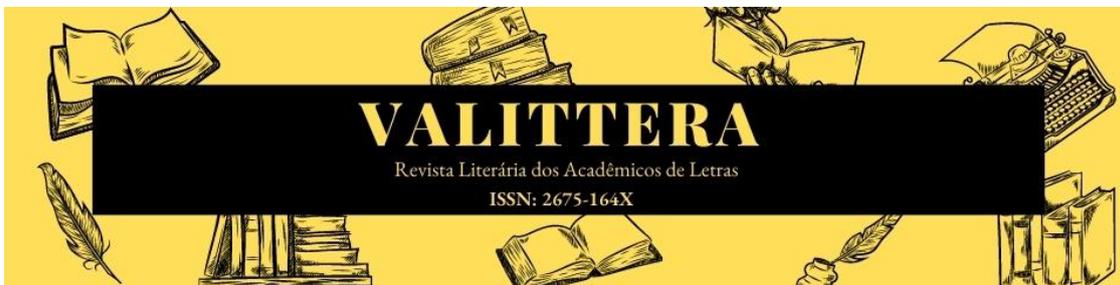
Pressionava sua cabeça, tornava ainda mais difícil manter a mente vazia, coisa que o dr. Balogun lhe dissera ontem que era preciso fazer. O médico se recusara a lhe dar mais tranquilizantes, pois ela precisava estar alerta durante a entrevista do visto (ADICHIE, 2017, p. 139).

Ao iniciar a leitura, é completamente possível imaginar uma mulher passiva, apenas fugindo pelo medo de ter um fim igual ao do filho, contudo, no decorrer da narrativa, ela se mostra uma mulher tão resistente - no sentido sócio-histórico da palavra - quanto seu marido, um jornalista pró-democracia, ou seja, um inimigo de uma ditadura. Antes de ser mãe, a moça foi cabeça de protestos contra o corte de bolsas estudantis do general Buhari, na época da faculdade, onde se graduou jornalista e, também, foi quem escreveu sobre a tentativa de assassinato do editor do jornal *The Guardian*. Ser mãe foi apenas mais um ato de resistir, e aqui podemos utilizar ambos os sentidos da palavra, resistir como militante pró-democracia em uma ditadura, e resistir como força, uma vez que havia problemas para engravidar: “[..] ela e o marido tinham tentado durante quatro anos e seu útero era cheio de fibroides” (ADICHIE, 2017, p 148).

No geral, temos uma mulher em luto, vivendo a dor da perda de um filho. Uma mulher que vê como última saída fugir, mas que se reencontra e dá um outro valor à morte de seu filho: resistir. Resistir por Ugonna. Resistir por uma nova Nigéria.

Em contrapartida, temos um homem, também sem nome, que está atrás dela na fila. Falante, espontâneo, insistente, ele tenta de todas as formas conversar com a mãe de Ugonna. Durante todo o tempo da fila, ele é analisado pela mulher:

Ela olhou para ele direito, pela primeira vez. Um rosto comum, com uma pele escura extraordinariamente lisa para um homem. Parecia um homem que queria subir na vida, tanto por sua camisa bem passada e sua gravata azul, como pela maneira cuidadosa com que ele falava inglês, como se tivesse medo de cometer um erro (ADICHIE, 2017, p. 144).

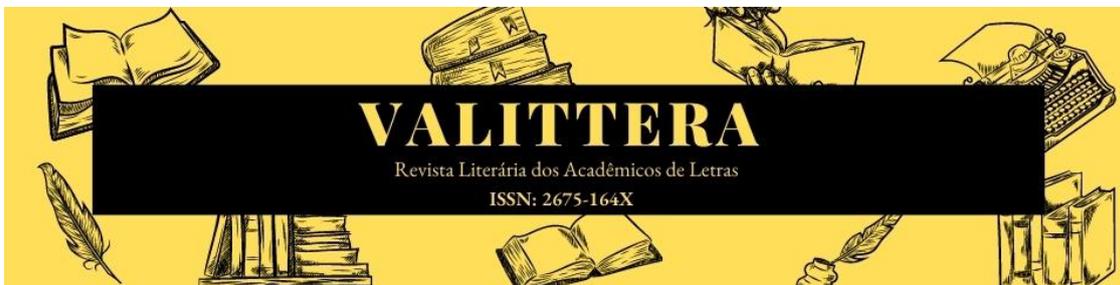


Esta visão se dá pelo fato de que o homem não está na fila para conseguir um visto permanente ou asilo, e sim para conseguir um visto de turista, com o objetivo de visitar seu irmão, no Texas. Também é interessante o trecho “falava inglês, como se tivesse medo de cometer um erro”. Atitude que poderia ser interpretada como um resquício pós-colonial sobre a língua; também uma objetificação na medida em que o colonizado imita o colonizador por tê-lo como um modelo, um Outro superior. Bonnici (1998, p. 12) aponta que, em geral, os colonizados “[...] se sentiam gratificados de escrever na língua do europeu (não há consciência dela também ser do colonizador). [...]”. Os colonizados, isso inclui os ditadores, que vivem nas capitais e metrópoles, recebiam e ainda recebem um estudo melhor e maiores oportunidades de trabalho, ou seja, essa é a gratificação do colonizado. Falar e escrever (literatura), mesmo sob supervisão, é algo a se agradecer (em uma visão colonizada).

Como personagem secundário, ele serve para instigar nossa personagem principal; inclusive, elogia o marido da moça sem nem saber quem era ela. Isso, em uma ditadura, é extremamente perigoso, afinal nunca se sabe quem é pró ou contra governo, um possível delator. “[...] ‘Aqueles dois editores são o tipo de gente de que a Nigéria precisa. Eles arriscam a vida para contar a verdade. Homens destemidos de verdade (ADICHIE, 2017, p. 147).

O jornalista pró-democracia, opositor do general Abacha e marido da personagem feminina, pode não ser o protagonista, ou a personalidade que possui o enredo central que o segue, mas são suas ações que afetam diretamente a história da mãe de Ugonna. Um ponto chave de sua aparição no conto é a publicação de uma notícia anti-ditadura:

Todos que apoiavam a imprensa pró-democracia conheciam seu marido, especialmente por ele ter sido o primeiro jornalista a dizer publicamente que a tentativa de golpe era uma farsa, a escrever uma matéria acusando o general Abacha de inventar um golpe para poder matar e prender seus oponentes. Soldados foram à redação do jornal e levaram grandes quantidades daquela edição num caminhão preto; ainda assim, fotocópias vazaram por Lagos [...] (ADICHIE, 2017, p. 146).



Esses pontos sobre as personagens mostram as diferenças e, também, as semelhanças da objetificação masculina e da objetificação feminina. No lado da mulher, é propagada a desumanização do feminino (a personagem não possui nome), ou seja, base da misoginia. Adichie representa com a mãe sem nome de Ugonna todo o apagamento feminino de uma sociedade, principalmente mulheres negras e colonizadas. Por outro lado, a objetificação masculina tenta despolarizar o suposto poder que o homem pós-colonizado possui em uma sociedade e, como visto no conto, assim é feito: o jornalista passa a ser caçado após as críticas feitas ao governo. Há, de fato, semelhanças, porém, a mulher é apagada como ser social e político; já o homem, não. A carga é menor e, assim é até os dias atuais.

3 IDENTIDADE NACIONAL

A identidade nacional, como teoria pós-colonialista, é a junção de sentimentos que fazem uma pessoa se sentir pertencente àquela nação. De acordo com Renan:

Uma nação é uma alma, um princípio espiritual. [...] um é o passado, o outro é o presente. Um é a posse em comum de um rico legado de memórias; a outra é o consentimento presente, o desejo de viver juntos, o desejo de continuar a investir na herança que recebemos em conjunto. A nação é o resultado de um longo passado de esforços, sacrifícios e devoções. De todos os cultos, o dos ancestrais é o mais legítimo: nossos ancestrais nos fizeram o que nós somos (RENAN, 1992, p. 10).

A teoria apresentada possui dois traços importantes: a resistência e a “comodidade” pós imperialismo. Adichie trabalha com esses dois fatores usando personagens pró e contra a democracia. A opressão faz com que alguns indivíduos a experienciem de forma mais significativa. É preciso ressaltar que a mulher, mãe de Ugonna, além de viver a opressão ditatorial, é negra e, portanto, racialmente marcada. “Sem dúvida, o preconceito racial vai contra o espírito do transculturalismo que promove



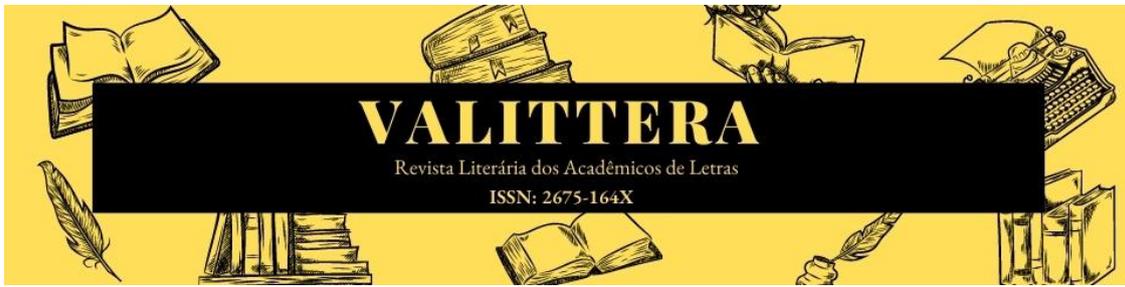
nas pessoas a compreensão de culturas ao redor do globo.”⁴ (AKINGBE e ADENIYI, 2017)

Com tal personagem a autora retrata toda uma nação composta de sujeitos negros que, é evidente, sofrem com tais preconceitos, mas ela endereça o leitor principalmente às mulheres. Como é para uma mulher negra experienciar uma ditadura? Como é para uma mulher negra, do interior, vivenciar uma ditadura? Bonnici vai dizer que: “[...] se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada.” Tal argumento se sustenta no fato de que o feminismo e o pós-colonialismo estão juntos para tentar entender essas sociedades. A teoria feminista mostrou aspectos que o pós-colonialismo não havia conseguido suprir, assim como a teoria pós-colonialista supriu alguns aspectos para o feminismo.

De modo semelhante ao que aconteceu nas reflexões do discurso pós-colonial, no primeiro período do discurso feminista a preocupação consistia na substituição das estruturas de dominação. Essa posição simplista evoluiu para um questionamento sobre as formas e modos literários e o desmascaramento dos fundamentos masculinos do cânone. Nesses debates, o feminismo trouxe à luz muitas questões que o pós-colonialismo havia deixado obscuras; por outro lado, o pós-colonialismo ajudou também o feminismo a precaver-se de pressupostos ocidentais do discurso feminista (BONNICI, 1997, p. 25).

O feminismo, como dito na citação acima, tinha em seus primórdios a emancipação da mulher, ou seja, a substituição das estruturas de dominação. Esse movimento começou no ocidente, no fim do século XIX e início do século XX, e recebeu o nome de movimento sufragista. A ação, que ajudou imensamente as mulheres, iniciando pelo clamor do direito ao voto, falhou em não incluir as intersecções raça e classe. Enquanto as mulheres brancas e ricas lutavam para terem direito ao trabalho, além, é claro, de voto, as mulheres pretas lutavam contra o racismo e trabalhos análogos

⁴ “Undoubtedly, racial prejudice is against the spirit of transculturalism which fosters in people the understanding of cultures across the globe”

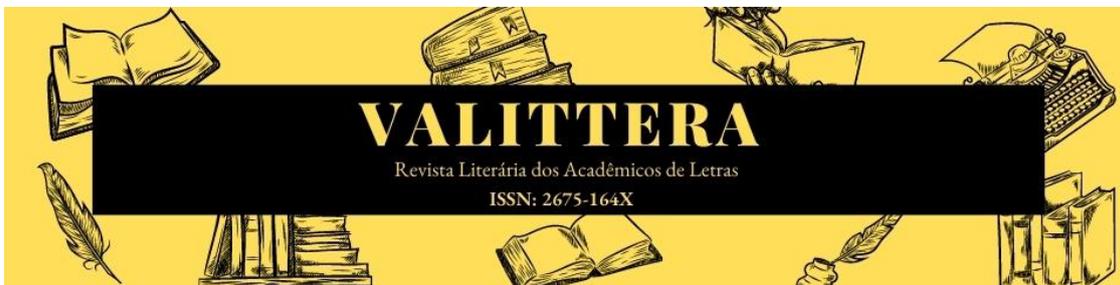


à escravidão, afinal, elas já trabalhavam há muito tempo, principalmente nas casas das mulheres brancas.

Problemas específicos de classe e de lazer e dilemas das donas de casa brancas eram preocupações reais que mereciam consideração e mudança, mas não eram as preocupações políticas urgentes das massas de mulheres. Massas de mulheres estavam preocupadas com a sobrevivência econômica, discriminação étnica e racial etc. (HOOKS, 1984, p. 2)⁵

Dessa forma, as mulheres não brancas perceberam a necessidade de um movimento feminista negro, que, além da agenda feminista, inclui questões próprias de sua vivência. Assim, vemos que o gênero não pode ser visto como denominador comum entre as mulheres. Angela Davis, mulher negra, feminista, marxista e intelectual, diz em seu livro *Mulheres, Raça e Classe* que “conforme diz Karl Marx, ‘o trabalho de pele branca não pode se emancipar onde o trabalho de pele negra é marcado a ferro’” (Marx, 1867, apud Davis, 2016). Dito isso, a emancipação feminina e negra, em países colonizados pela Europa, não foi e não tem sido fácil. A figura feminina na Nigéria é, infelizmente, retratada pela opressão ditatorial e, para além disso, pela opressão de gênero e classe. Outras obras de Adichie denunciam tal realidade de uma sociedade nigeriana extremamente patriarcal, como nos romances *Hibisco Roxo*, com a personagem Kambili e *Americanah*, com a personagem Ifemelu, além de outros diversos contos. A realidade tem mostrado, assim como o trabalho de Adichie, que quanto mais longe das metrópoles, maior o pensamento de “mulher é apenas para servir” e “o homem serve para trabalhar”, então a pergunta “como é viver a ditadura sendo uma mulher não branca no interior longe das grandes cidades?” se responde da pior forma possível: opressão, baixa escolaridade, menos direitos, menores salários, tanto em trabalhos intelectuais (mais raros), quanto em braçais (muito mais comum).

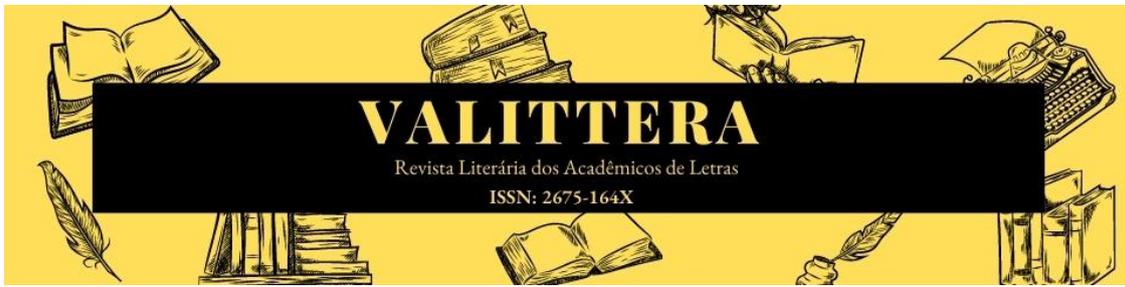
⁵ Specific problems and dilemmas of leisure class white housewives were real concerns that merited consideration and change but they were not the pressing political concerns of masses of women. Masses of women were concerned about economic survival, ethnic and racial discrimination etc.



De outra perspectiva – ‘comodidade’ – temos o homem da fila que é pró-democracia, mas que, aparentemente, não está tão preocupado. Em um dos trechos já citados, é retratada a forma como ele aparenta, se veste e pronuncia seu inglês.

Temos, nesse caso, uma personagem oposta à mulher já que enquanto ela mostra sinais de resistência – a reflexão e por fim a decisão de ficar, nele vemos traços de uma sensação de inferioridade em relação ao padrão europeu. Essa falta de arraçoamento por parte do homem, levando-o à imitação do Outro, faz dele uma personagem representativa de como as vítimas do discurso naturalizado de hierarquia social se comportam. Interessante como ele não pensa em fugir do país, apenas visitar seu irmão que mora nos Estados Unidos. A impressão que passa é que não urge a necessidade de mudança, mesmo ele deixando claro que é contra o governo ditatorial. Assim vive uma sociedade com medo. “Homens e mulheres discretos trocavam jornais e denúncias sobre o governo do general Abacha [...]” (ADICHIE, 2017, p. 141). Há o problema, mas estão acostumados com aquilo; estão, de certo modo, ‘acomodados’ ao incômodo. A fala dessa personagem confirma isso: “‘Veja como o povo implora para o soldado”, disse o homem ali atrás. ‘Nosso povo ficou *acostumado* demais a implorar para soldados’” (ADICHIE, 2017, p. 140, grifo nosso), caracterizando o que toda uma sociedade está passando, ou seja, a brutalidade militar com a qual convivem ‘normalmente’. Entretanto, o que deve ser questionado é: por que um país pós-colonial maltrata seu próprio povo? Qual é o resquício que a colonização deixou? Nnoli, 1980, diz que:

O povo da Nigéria se uniu ao reconhecer as discrepâncias da política britânica. O problema do nacionalismo étnico na Nigéria veio com o advento do colonialismo. Isso aconteceu quando grupos díspares, autônomos, heterogêneos e subnacionais foram fundidos para formar uma nação. Novamente, os colonialistas criaram desequilíbrios estruturais dentro da nação em termos de projetos econômicos, desenvolvimento social e estabelecimento de centros administrativos. Esse desequilíbrio aprofundou as antipatias entre as várias nacionalidades étnicas da Nigéria (NNOLI, 1980, p. 254).



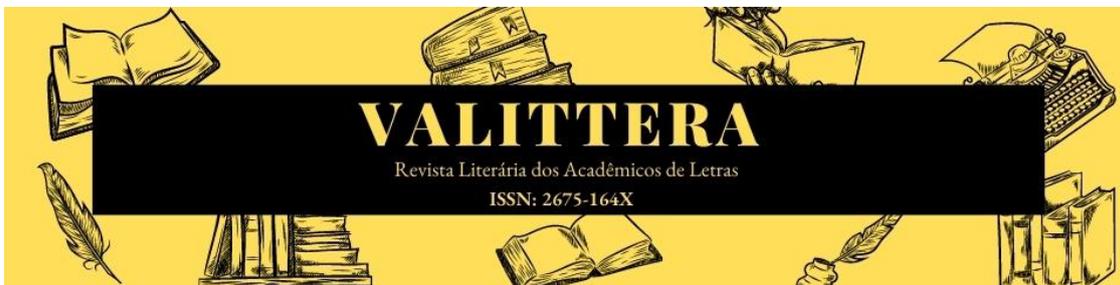
Portanto, o nacionalismo nigeriano uniu a população contra o que incomodava: os resquícios britânicos da colonização, mas o maior problema, a desigualdade social e de grupos étnicos do que agora era um país, provocou conflitos, levando um governo autoritário ao poder para que, supostamente, pudessem “resolver o problema”. Renan (1992) fala sobre essa união dos povos e acredita que é a herança, raízes e costumes ancestrais que os fazem manter essa identidade. Esse *modus operandi* constitui-se como uma antiga estratégia de guerra: dividir para conquistar. Enquanto as diferentes nações (tornadas um país pelos colonizadores) lutam entre si, a metrópole toma cada vez mais o controle. Tal discurso nacionalista/populista é muito comum em países de terceiro mundo e pode, inclusive, ser encontrado no Brasil. Sendo nosso país uma ex-colônia, não é difícil encontrar similaridades nesses movimentos sociais pós-independência. Sempre há o discurso que polariza as massas, que promete salvar a nação de uma possível ameaça, no nosso caso, o fantasma do comunismo. Assim surgem ditadores e é desta forma que esses países flertam com o totalitarismo.

4 RESISTÊNCIA

Como colocamos anteriormente, o objetivo principal da análise conduzida enfocou na resistência presente no conto *A embaixada Americana*. Barbara Harlow (1987, apud Ashcroft) explicita a primeira aparição da palavra resistência como forma de luta:

'Resistência' (muqāwamah) foi aplicada pela primeira vez em uma descrição da literatura palestina em 1966 pelo escritor e crítico palestino Ghassan Kanafani. Para Kanafani, a literatura de resistência invocou uma distinção entre um povo "ocupado" e um povo no exílio (ASHCROFT, 2001, p. 28).

Quando se usa a palavra luta para falar de resistência, logo se pensa em militância e movimentos sociais, e de fato é, mas, como já dito anteriormente, não se deve resumir



a resistência apenas a isso. Resistência é muito mais do que organizar uma frente ampla contra um movimento opressor.

Primeiramente, mesmo que em poucas palavras, devemos observar que se pode falar em resistência violenta e não violenta. Franz Fanon (1925 - 1961), psiquiatra, filósofo e escritor, nasceu na ilha caribenha da Martinica. O abuso da metrópole – França – com o povo martinicano exerceu grande influência em Fanon que reforçou, em seus escritos, a defesa da resistência violenta. Para ele, se essa era a linguagem do colonizador, a resistência devia aparecer assim também.

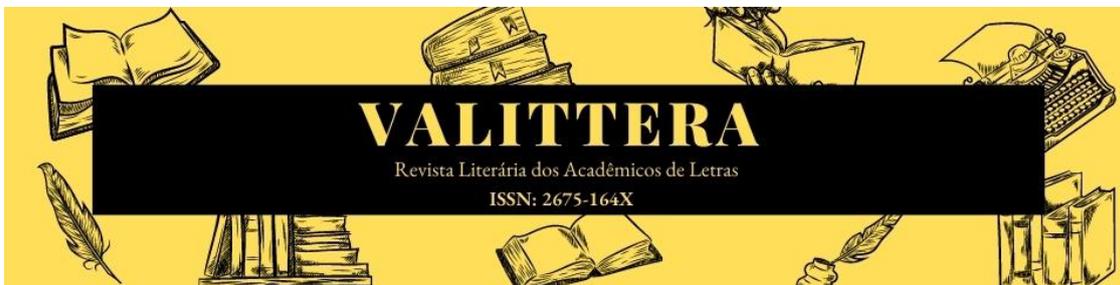
Assim como Fanon, representante e partidário da resistência violenta, temos, por outro lado, Hannah Arendt (1906-1975), uma teórica política judia-alemã, centra seu trabalho de resistência na forma não violenta. Para ela, na disputa de poderes não há vencedores: “Ninguém que esteja ligado à história e política pode permanecer leviano acerca do grande papel que a violência tem nas questões humanas”⁶ (ARENDDT, 1969).

Para as personagens do conto, o ato vai muito além **do** militar, principalmente para a mãe de Ugonna. Ela acha sua inspiração, tragicamente, na morte de seu filho, decide viver por ele, pelo que ele e seu assassinato representaram, ou seja, uma resistência não violenta

Olhou por um instante para a divisória seguinte, onde havia um homem de terno escuro que se inclinava para o vidro com reverência, como se rezasse para o funcionário ali atrás. E se deu conta de que morreria feliz nas mãos do homem de camisa de capuz preta, ou nas mãos do homem da careca brilhante, antes de dizer uma palavra sobre Ugonna para aquela mulher, ou para qualquer pessoa na embaixada americana. Antes de vender Ugonna por um visto para um lugar seguro (ADICHIE, 2017, p. 150).

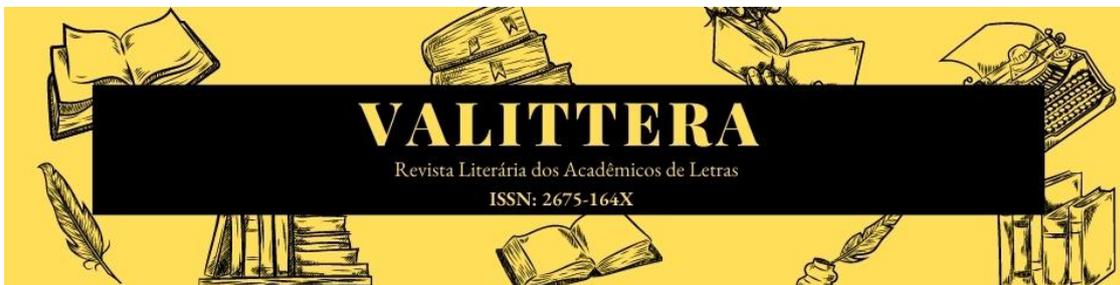
Seu marido e pai de Ugonna também resistiu por meio de denúncias jornalísticas e, infelizmente, sentiu a represália ao se ver em fuga para outro país. Esses exemplos são

⁶ No one concerned with history and politics can remain unaware of the enormous role violence has always played in human affairs.



encontrados por toda uma sociedade, pessoas que lidam com o autoritarismo e perseguições. São exemplos muito bem-vistos em listas de países com maior liberdade de imprensa. De acordo com o *ranking* anual disponibilizado pela organização Repórteres Sem Fronteiras, a Nigéria, por exemplo, figura na posição 113º, enquanto o Brasil, na 101º. Uma sociedade precisa do jornalismo e da liberdade jornalística, bases da democracia, pois sem isso nos tornamos reféns do governo. Há países que chegam a extremos, como o caso da Nigéria, de assassinar os opositores e isso, para muitos, está em posição de comodismo, de que não há o que fazer, mas, na verdade há. Uma arma fortíssima contra qualquer governo ditatorial é a arte. Na música, por exemplo, a época da ditadura militar brasileira teve grandes obras musicais de Chico Buarque, como “Cálice”, em parceria com Gilberto Gil, “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso e “O bêbado e o equilibrista”, de Aldir Blanc e João Cardoso. Todas com mensagens contra a ditadura, ainda que mascaradas. A literatura não foge desse padrão como forma de resistência, principalmente a literatura pós-colonial. Ashcroft et al. (1991, p. 2) a definem como “toda produção literária dos povos colonizados pelas potências entre os séculos 15 e 21”. Eles continuam dizendo que as literaturas dos países colonizados, como os latino-americanos, da Oceania e da África, por mais que possuam suas diferenças, se originam “da experiência de colonização, afirmando a tensão com o poder imperial e enfatizando suas diferenças dos pressupostos do centro imperial” (Ashcroft et al., 1991, p. 2).

Pode-se definir a literatura pós-colonial em duas categorias: a que serve para agradar o império e a de resistência. A primeira é mais flagrante nos primeiros anos após a independência, e é assim considerada pois os nativos, como forma de agradecimento por terem tido educação e uma “boa vida”, já que moram nas metrópoles com mais acesso à informação, se sentem agradecidos em poder escrever na língua do colonizador. Eles se sentiam privilegiados por viverem junto às classes altas, por mais que estivessem colonizados. Por outro lado, temos a literatura de resistência, que denuncia as atrocidades vividas nesses países, sejam elas ficcionalizadas ou não. Na Nigéria, por exemplo, há a represália, a consequência de se voltar contra o governo: ‘Você ouviu falar da matéria



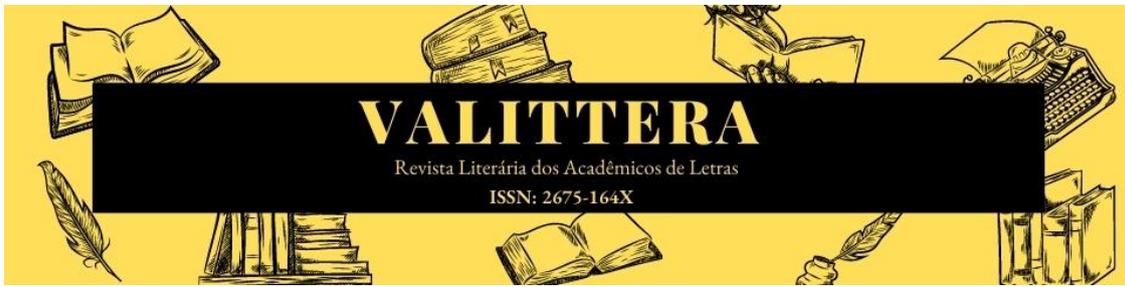
que seu marido escreveu no jornal? Sabia que ele é um mentiroso? Sabia que gente que nem ele devia estar na cadeia, pois eles causam problemas, pois não querem ver a Nigéria progredir?’ (Adichie, 2017. p. 143).

Em outros países, como é o caso do Brasil, ainda há liberdade de escrita e de expressão, mas, também, a tentativa de censura, como o caso da bienal do livro do Rio de Janeiro, em 2019, quando o prefeito Marcelo Crivella ordenou a proibição de livros com temática LGBTQ+. Outro momento de grande repercussão foi a entrevista do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, em que levou um livro infantil ao noticiário de maior audiência do país, dizendo que ele ensinava crianças a escolherem seu gênero e que fazia parte de um suposto “kit gay” (futuramente desmentido) comprado pelo Ministério da Educação. Tais comportamentos só confirmam o incômodo que a literatura gera àqueles que, de fato, desejam a regressão de um país. A literatura vem lutando pelas minorias que nunca tiveram voz em uma sociedade que privilegia classe, raça, gênero e sexualidade.

Nas palavras de Ashcroft (2001, p. 19), “a oposição é necessária, mas a apropriação de formas de representação e a entrada nas redes discursivas de dominação cultural sempre foram uma característica crucial dos movimentos de resistência”. Vemos, deste modo, como a oposição por meio da cultura é eficaz e importante.

5 CONCLUSÃO

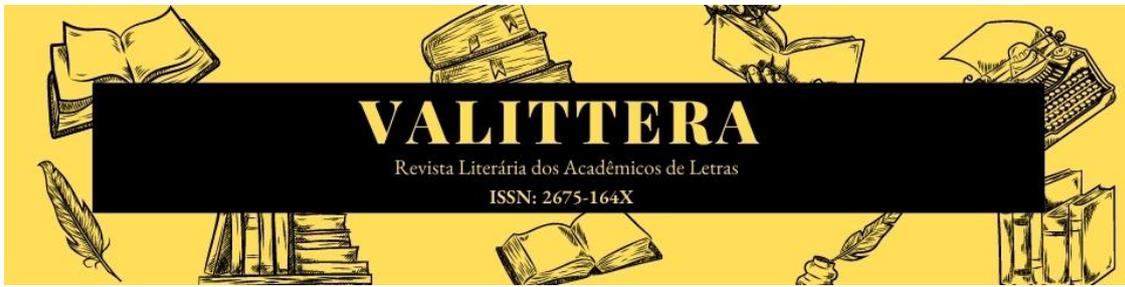
Após análise, é possível compreender as diferentes perspectivas pós-colonialistas a partir das personagens no conto e, principalmente, quanto às formas de resistência, assim como os meios utilizados para se opor à opressão: arte, luta, militância etc. Adichie (2017) nos mostra a mãe de Ugonna, uma criança assassinada após seu pai, jornalista pró-democracia, ter publicado um artigo contra o governo ditador de Abacha. Analisamos a objetificação das personagens no conto, uma mãe com medo da morte, um homem acostumado com o que está vivendo (mesmo sendo contra a ditadura), um pai e



jornalista exilado e, por fim, uma criança assassinada. Todas essas representam as perdas de uma nação assolada pelo colonialismo. Ainda, tais ações se repetem no pós-colonial, e a autora consegue mostrar em poucas palavras que isso de fato acontece.

Outro ponto analisado foi a identidade nacional e como isso é um resquício da colonização, ou seja, o nacionalismo que, como falado, gerou conflitos socioeconômicos devido à luta de classes da Nigéria: as metrópoles obtiveram maiores riquezas (maiores investimentos do país colonizador. Na verdade, esses lugares se tornaram metrópoles justamente por essa razão) e, nas cidades mais afastadas, restaram a pobreza, misoginia e outras opressões. Isso se dá pelo fato de que, nas metrópoles, o nível de escolarização era maior, mesmo que fosse uma educação colonizada e restrita. Além de gerar essa separação, gerou o comodismo da nação e um falso senso de gratidão por parte dos colonizados. Entretanto, essa mesma identidade nacional é, também, responsável pela reconstrução de um país. De acordo com Renan (1992), o esforço comum é essencial para a criação de uma nação e serve de fundação para a unidade. Essa identidade, como já dito, é o princípio espiritual da nação: o passado – com suas memórias, momentos gloriosos; o presente – o desejo de continuar a compartilhar essa herança; e o futuro – o desejo de criar memórias, de fazer mais pela nação, de perpetuar a herança.

Por fim, foi analisada a resistência no conto de Adichie (2017) e como ela é representada. Há várias formas, uma delas é aquela empregada pela mãe de Ugonna: sua resistência está na decisão de não fugir do país que matou seu filho. Não precisou lutar, pegar em armas, criar movimentos etc. Apenas o fato de ela ressignificar a morte e perceber que não é preciso fugir, que a vida de Ugonna vale mais do que o medo, isso é também resistir. Seu marido e pai de Ugonna, jornalista, usava a escrita como forma de resistência, a escrita pró-democracia em um país ditatorial, uma das formas mais perigosas de resistir. Mas era resistência. Isso em países em desenvolvimento, onde o autoritarismo é maior, chegando a assassinatos, é de extremo valor para um país que está se recuperando de um legado colonial e tentando se reestruturar de forma soberana.



Todas essas formas de resistir também nos levam a concluir que, apenas viver em um país ditatorial, é resistência, por mais que o comodismo, às vezes, pareça estar mais presente, não podemos esquecer que são resquícios da colonização. Aqueles que, ainda assim, têm predileção por ditaduras, são os enganados pelo populismo barato vendido por políticos para chegar ao poder. Como dito, discursos extremistas que reivindicam o fim de direitos humanos, que prezam pela morte do “bandido”, que dizem que as minorias irão respeitar as majorias, que se apresentam com o objetivo de preservar uma suposta tradição, só regridem. A grande controvérsia do conservadorismo é almejar ser um país desenvolvido, mas abominar suas políticas públicas.

REFERÊNCIAS

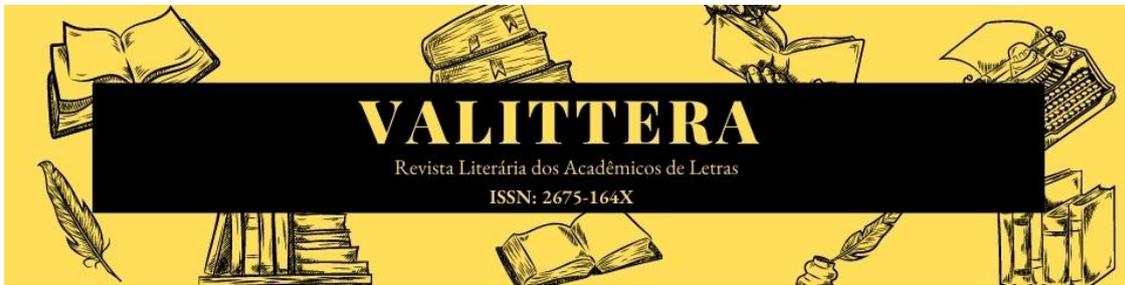
ADICHIE, C. N. *No seu pescoço: a embaixada americana*. Tradução de Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.=

AHMAD, A. *Linhagens do Presente. Ensaios*. 1ª ed. Org. Maria Elisa Cevalco. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. Boitempo: 2002.

AKINGBE, Niyi; ADENIYI, Emmanuel. 'Reconfiguring Others': Negotiating Identity in Chimamanda Ngozi Adichie's *Americanah*. *Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities*, v. 9, n. 4, 2017, em https://www.researchgate.net/publication/321738881_'Reconfiguring_Others'_Negotiating_Identity_in_Chimamanda_Ngozi_Adichie's_Americanah, Acesso em 31.008.2021.

ALULO, M. *Ethnic Nationalism and the Nigerian Democratic Experience in the Fourth Republic* Disponível em: <http://krepublishers.com/02-Journals/T-Anth/Anth-05-0-000-000-2003-Web/Anth-05-4-217-303-2003-Abst-PDF/Anth-05-4-253-259-2003-106-Aluko-M-A-O/Anth-05-4-253-259-2003-106-Aluko-M-A-O-Text.pdf>. Acesso em 16.002.2021.

ARENDRT, Hanna. *A special Supplement: Reflections on Violence*. *The New York Review of Books*. Vol. 12, n. 4 (Feb. 27, 1969).



ASHCROFT, B. Resistance. In: ASHCROFT, B. *Post-Colonial transformation*. London: Routledge, 2001.

ASHCROFT, Bill, GRIFFITHS, Gareth e TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-colonial Literatures*. London and New York: Routledge, 1991.

BONNICI, T. (org.) *Resistência e Intervenção na literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 1998.

BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lucia Ozana (org.) *Teoria Literária. Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. 2ª ed. Maringá: Eduem, 2009.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOOKS, B. *Feminist Theory: from margin to center*. South end press, 1984.

NNOLI, Okwudiba. *Ethnic Politics in Nigeria*. Enugu: Fourth dimension Publishers. 1980

RENAN, E. *What is a Nation?* 1992. Disponível em: http://ucparis.fr/files/9313/6549/9943/What_is_a_Nation.pdf. Acesso em: 16.002.2021

Recebido em 06/06/2021.

Aceito em 28/08/2021.